

SALUME, Célida. A formação do professor de teatro: relações entre teoria e prática no estágio curricular. Salvador: Escola de Teatro – Universidade Federal da Bahia – UFBA; Professora Adjunta – Doutora em Artes Cênicas, Professora e Encenadora.

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância do diálogo entre teoria e prática no processo de estágio curricular em teatro. O ponto principal da experiência docente reside no equilíbrio entre técnicas, exercícios, jogos e processos de criação articulados com a realidade do contexto de desenvolvimento destes. A escolha de intervenções e metodologias adequadas determina as relações entre os conteúdos específicos e os procedimentos metodológicos no ensino de teatro. É na experiência de estágio que o futuro professor enfrenta seus primeiros desafios, bem como, suas primeiras conquistas.

Palavras-chave: Formação de Professores. Ensino de Teatro. Metodologia. Estágio Curricular.

RÉSUMÉ

Cet article examine l'importance du dialogue entre la théorie et la pratique dans le processus de stage obligatoire qui a lieu dans la formation des enseignants de théâtre au Brésil. Le principal point d'expérience pédagogique réside dans l'équilibre entre les techniques, des exercices, des jeux et des processus créatifs articulé avec la réalité du contexte de leur élaboration de ces. Le choix des interventions et des méthodes appropriées pour déterminer les rapports entre le contenu et les méthodologies spécifiques d'enseignement dans le théâtre. Il est dans l'expérience du stage que le futur enseignant est en face à ses premiers défis, ainsi que ses premières conquêtes.

Mots clés: La Formation des Professeurs. L'enseignement Théâtral. Méthode. Stage.

Introdução

Neste trabalho problematizo algumas questões emergentes das práticas de ensino desenvolvidas nas disciplinas de estágio do curso de Licenciatura em Teatro da UFBA (Universidade Federal da Bahia). O estágio curricular centraliza a dimensão prática do curso, momento no qual os alunos desenvolvem seus projetos em situações específicas de aprendizagem dialogando com os conteúdos e metodologias adquiridos durante a formação. As experiências ocorrem em diversos espaços educacionais e com diferentes faixas etárias. Nesse sentido, um projeto bem estruturado com uma “espinha dorsal” bem definida facilita as relações fundamentais do trabalho docente e evita um descompasso entre os conteúdos (conceitos e convenções teatrais) e os procedimentos metodológicos no ensino de teatro.

Algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos no desenvolvimento de suas experiências de estágio têm sua origem na própria formação, pois mesmo nos

cursos de Licenciatura em Teatro algumas disciplinas pedagógicas estão distanciadas daquelas de formação do ator e do diretor, enquanto estas, por outro lado, não pensam os procedimentos teatrais pelo viés de sua condução pedagógica.

Entre as escolhas que tematizam os projetos de ensino, os licenciandos partem de textos dramáticos, de textos literários, de jogos, de imagens, de improvisações ou de temas geradores de interesse dos envolvidos ou propostos pela instituição em que desenvolvem a experiência. Durante o acompanhamento do estágio, direta ou indiretamente, o orientador pontua com os alunos as relações entre teoria e prática. A dimensão da experiência como conhecimento não pode ser abandonada. A aventura de um percurso criativo desenvolvido com segurança num processo de reflexão e redimensionamento constante solidifica a formação do futuro professor de teatro.

Os espaços: o confronto com a realidade

Conforme a singularidade da disciplina de estágio oferecida a cada semestre, algumas práticas de ensino são desenvolvidas em escolas públicas, enquanto outras abrem a possibilidade de o aluno dialogar com diferentes espaços na comunidade. É importante lembrar que as instituições que acolhem o aluno têm seu próprio funcionamento e suas especificidades que incluem em alguns casos, a exigência de que ele dialogue com o projeto que já vem sendo desenvolvido pelo professor titular da turma. Um bom número de alunos encontra dificuldades de relacionamento com o campo de estágio, como problemas de comunicação, pois nem sempre ocorre o cuidado de manter os estagiários a par da rotina interna da instituição, que, em algumas situações surpreende o planejamento destes. Por outro lado, quando o grupo é formado especificamente para a experiência docente, em caráter de oficina, podem ocorrer diferentes problemas, como evasões durante o processo.

A falta de um ambiente adequado para o desenvolvimento da experiência criativa não impede a realização de um bom trabalho. Assim, se a instituição não oferece uma área própria para o desenvolvimento de atividades práticas, tomamos como desafio explorar os espaços possíveis e redimensioná-los com o envolvimento dos alunos. Algumas propostas criativas podem ser valorizadas na pesquisa de espaços alternativos, ainda não explorados cenicamente. Espaços estes, habitados por um desejo desenfreado dos educandos em participar de aulas diferentes, como podem ser consideradas as de teatro. Isso inclui alunos de outras turmas (muitas vezes sem aula por falta de professor) que ficam nas janelas das salas na esperança de participar ou simplesmente assistir. Como o ensino de arte nas escolas, em suas diferentes linguagens é obrigatório e garantido pela LDB, mas não necessariamente cumprido nas instituições de ensino; e, quando oferecido, nem sempre contempla o Teatro como disciplina, poucos alunos têm a oportunidade de conhecer e vivenciar uma experiência teatral.

No início da prática docente, o primeiro cuidado necessário é conhecer o grupo com o qual irão trabalhar neste período, o que envolve um olhar crítico para as ações pensadas e propostas, pois muitas vezes o primeiro movimento é de

identificar a singularidade do grupo equivocadamente como problema. É importante considerar que os alunos reagem conforme as experiências anteriores de ensino-aprendizagem vivenciadas, o que inclui: distintas relações entre professor e aluno; não estarem habituados às formações propostas para a aula, como trabalhos em grupo, lidar com o espaço livre da sala de aula, escutar a ideia do colega e/ou dialogar com as diferentes propostas, dificuldade de se expor e de respeitar as regras coletivas. Não é novidade que crianças, jovens ou adultos envolvidos em uma experiência de estágio podem estar vivenciando seu primeiro contato com a linguagem teatral. Assim, doar-se a um estado de jogo não é fácil para alguém que não tenha tal hábito de concentração e engajamento. Sobre a dificuldade de se expor diante do grupo, ou até mesmo o bloqueio total na participação do jogo, Ryngaert argumenta: “[...] ela se traduz, sobretudo, por uma impossibilidade de superar a angústia causada pelo olhar do outro ou o sentimento de ser ridículo a seus próprios olhos [...]” (RYNGAERT, 2009, p. 45). Em algumas situações, observar de fora o desenvolvimento de propostas e se familiarizar aos poucos com elas encoraja o aluno a participar. É na prática que o licenciando em teatro aprende a conduzir a inserção do seu aluno nas aulas, seduzindo-o para o fazer teatral.

Problemas frequentes

Nas orientações em grupo e individuais em sala, na observação dos alunos em seus campos de estágio e nos seminários de estágio realizados ao final da experiência de ensino, dificuldades e conquistas são socializadas. Problemas em comum são identificados em alguns projetos já no seu momento de concepção, outros durante as práticas de ensino, no enfrentamento com as especificidades do público envolvido e outros ainda, no estabelecimento de uma rotina do improvisado nas aulas. Nesse sentido, quanto antes o professor orientador entrar em contato com esses impasses, mais possibilidades terá de interferir e orientar o estagiário em Teatro no redimensionamento de suas ações.

O estágio curricular é a fase na qual os licenciandos revelam as suas potencialidades, suas preferências e, também, os equívocos nas escolhas, compreensão e organização dos conteúdos e metodologias adquiridos em sua formação. Assim, uma aula de teatro não pode ser reduzida a uma variedade de dinâmicas¹. Se os estagiários planejam aplicar alguma metodologia, exercício ou jogo, devem se perguntar antes o porquê naquele dia e o porquê dentro do seu projeto, e quais as interações possíveis entre esses procedimentos e o espaço real. Entre os problemas frequentes que podem afetar diretamente o desenvolvimento de uma proposta de ensino de teatro, reconhecemos:

¹ Alguns dos problemas comuns às experiências de ensino de teatro são apontados por Beatriz Cabral a partir de sua atuação como professora nas disciplinas de estágio: [...] aquecimento sem relação com a aula propriamente dita, improvisação sem contextualização, atividades que não introduzem conhecimentos específicos em teatro (dinâmicas de grupo que tendem a se constituir como a aula em si), tarefas ou trabalhos em grupos sem *input* do professor, falta de concepção cênica que direcione o processo, aulas baseadas em “uma novidade para cada encontro” [...]. (CABRAL, 2008, p. 40).

- A aplicação de aquecimentos (brincadeiras, jogos ou exercícios) sem conexão com a aula planejada ou os objetivos previstos no projeto;
- Jogos de improvisação livres ou sem contextualização, e muitas vezes, sem a mediação do professor nos grupos;
- Atividades soltas, não relacionadas a conceitos ou habilidades no teatro, e que não dialogam com a “espinha dorsal” do projeto em desenvolvimento;
- Ausência de uma concepção ou princípios que direcionem o processo criativo;
- Escolha de texto não relacionado à faixa etária;
- Desenvolvimento de processo sujeito apenas às improvisações dos alunos sem dialogar com conteúdos, convenções e/ou pré-textos mediados pelo professor de teatro;
- Ausência de grau de dificuldade ou expectativa no processo das aulas — jogar em teatro implica colocar o aluno numa situação lúdica em que ele solucione um problema cênico;
- Aulas baseadas somente em ensaios e aprimoramento técnico;
- Ausência de criticidade — aceitação de qualquer produto, sem discutir o como, a organização, a qualidade do que foi apresentado;
- Falta de mediação no processo reflexivo: trabalhar a relação entre quem joga e quem assiste e o reconhecimento dos elementos de teatralidade.

Os procedimentos escolhidos

No horizonte dos procedimentos escolhidos em distintas experiências de estágio, não podemos perder de vista a conquista do grupo para as propostas instauradas e a clareza na orientação destas e o preparo de cada aula como um produto criativo. Uma aula bem planejada envolve cuidados como a preparação do ambiente, etapas diversificadas que incluam elementos concretos que vão nutrir a imaginação dos alunos. Disponibilizar para o grupo diferentes materiais no desenvolvimento do projeto implica o conhecimento de estéticas diferenciadas. Assim, o processo instaurado pode ser enriquecido aos poucos com a exploração gradativa de diferentes materialidades que interfiram no percurso criador, transformando e sendo incorporadas à cena.

É fundamental variar os procedimentos e ter claro seus objetivos na organização do desenvolvimento de uma aula. Ocorre que muitas vezes os alunos reproduzem em suas experiências de ensino, exercícios, técnicas ou jogos que aprenderam, de forma desconectada ao seu projeto. Os jogos improvisacionais são utilizados com frequência, mas nem sempre de maneira sistemática, aprimorando e adaptando em função do planejamento de estágio. Os conhecimentos práticos adquiridos no curso e em outras experiências de formação são, muitas vezes, aplicados sem o estudo ou domínio de suas fontes. Os elementos de teatralidade devem ser tratados de forma orgânica, por meio do próprio fazer teatral; assim as ações e o espaço ficcional surgem e são trabalhados na interação dos atores, numa ampliação constante e progressiva do seu repertório de forma qualitativa. A diversidade de encaminhamentos metodológicos para o ensino de teatro é grande, entretanto, o fazer, a parte prática da aula, muitas vezes, exerce maior atração. Nesse sentido, como aluno e depois como professor, é importante que o licenciando reconheça como a mediação é significativa nos momentos em que

aproximamos o aluno dos conceitos e conhecimentos em teatro. É esse processo que possibilita que o atuante perceba o trabalho artístico como conhecimento e não apenas como um fazer, e que reconheça as convenções e poéticas teatrais e possa acessá-las a seu favor no percurso criativo. O texto utilizado como pré-texto — delimitando situações e roteiro, potencializando sua apropriação e reconstrução gera um novo texto teatral, uma nova dramaturgia. Nos processos criativos vivenciados ocorre uma intervenção indireta do professor ao nível da estrutura dramática — introduzindo materiais, conduzindo o olhar dos alunos e questionando-os durante a elaboração de cenas. A habilidade de trabalhar coletivamente está intrinsecamente relacionada a esse processo de mediação constante do professor encenador.

Concluindo

Falar da relação entre teoria e prática no estágio curricular em teatro abrange a importância do registro e da reflexão sobre essas experiências. Afinal, algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos são comuns em diferentes grupos e passíveis de serem minimizadas. Considerando a efemeridade do fazer teatral, o que não é registrado, se perde, se dilui com o tempo. Relatórios, elaboração de um *blog* e seminários de estágio foram os instrumentos escolhidos para acessar a discussão sobre as práticas realizadas no primeiro semestre de 2011 no curso de Licenciatura em Teatro da UFBA. Nas anotações dos alunos de estágio encontramos as marcas do que foi experienciado no decorrer do caminho:

Essa experiência foi muito gratificante para mim, enquanto professora, enquanto pessoa, mas principalmente enquanto estudante. Mostrou-me novas formas de ver as coisas que pesquisei, novas ideias de como trabalhar o que eu quero, novas posturas na sala (menos séria e rígida ou rígida quando necessário sem ter medo), percebi que eles tinham uma relutância muito grande no início de aceitar o jogo sem questionar ou de querer interferir o tempo inteiro nas indicações, e no final, eles pediam jogos, pediam para conversar e ajudar no processo. Acredito que o amadurecimento aconteceu não com eles, mas comigo principalmente (aluna Y).

Na maioria dos relatórios, os estagiários apresentavam dificuldade em apontar e discutir criticamente o que era produzido em sala de aula por parte dos alunos a partir das experiências instauradas por eles, principalmente no que diz respeito ao diálogo entre ensino e encenação. São os problemas que emergem da prática, os responsáveis pelas descobertas e amadurecimento dos alunos enquanto professores de teatro. A escolha de metodologias adequadas depende de um repertório sólido que dialogue com os diferentes contextos e realidades. É fundamental que, nessas práticas de ensino, o teatro esteja presente como experiência estética e possa ser desfrutado como tal por professores e alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Beatriz. **O professor-artista:** perspectivas teóricas e deslocamentos históricos. Revista Urdimento, UDESC, v. 10, 2008.
RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar:** práticas dramáticas e formação. Tradução: Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.

SALUME, Célida. **Multiplicidade como princípio, o ensino de teatro na escola.** Memória ABRACE, v. 1, 2008.